



Reflexão franciscana no âmbito dos 800 anos da Passagem de São Francisco de Assis

16/05/2026

Fr. Juan Rendón Herrera OFM

Agradeço à Rede Franciscana para Migrantes e a Rafael Lara pelo convite para compartilhar algumas reflexões neste espaço.

Estamos comemorando neste ano outro centenário franciscano; já comemoramos a Regra. Fontecolombo (eSinodalidade) e o presépio ou nascimento de Jesus em Greccio em (Humanismo) 1223, o centenário da estigmatização em La Verna (Paixão de Cristo, paixão do povo) 1224, o centenário do Cântico das Criaturas São Damião (Cuidado) em 1225 e a morte de Francisco, ocorrida, como bem sabemos, na pequena enfermaria da Porciúncula em (Transcendência) 1226.

São tempos de memória, de celebração e até de jubileu, como é o caso deste ano, graças ao Papa Leão XIV; são tempos de diversas formas de celebrar, algumas enfatizando o fato histórico, outras com celebrações litúrgicas inspiradoras, outras ainda com excelentes e profundos eventos acadêmicos e artísticos.

Oremos com o Papa Leão.

“São Francisco, nosso irmão, tu que há oitocentos anos
foste ao encontro da irmã morte como um homem em paz,
intercede por nós junto ao Senhor.

Tu, que no Crucifixo de São Damião reconheceste a verdadeira paz,
ensina-nos a buscar nele a fonte de toda a reconciliação
que derruba todos os muros.

Tu, que, desarmado, cruzaste as linhas da guerra
e da incompreensão,
dá-nos a coragem de construir pontes onde o mundo constrói fronteiras.

Nestes tempos afligidos por conflito e divisão,
Intercede para que nós conversamos em operadores da paz:
Testemunhos desarmados e desarmantes da paz que vem de Cristo.

Esta manhã, no cenário da RFM, gostaria de iniciar esta reflexão com dois textos que me parecem pertinentes para a ocasião; o primeiro, extraído da segunda legenda de Tomás de Celano, diz:

“De fato, ao aproximarem-se os últimos dias. Terminada, pois, aquela doença tão grave que pôs fim a todas as dores, mandou que o colocassem nu sobre a terra nua. Assim colocado no chão, despojado da túnica de saco, voltou, segundo o costume, o rosto para o céu e, todo concentrado naquela glória, ocultou com a mão

esquerda a ferida do lado direito para que não fosse vista. E disse aos irmãos: ‘Concluí minha tarefa; que Cristo lhes ensine a de vocês’”.

Com estas últimas palavras, Francisco coloca sob nossa responsabilidade o caminho que segue; ele já percorreu uma parte importante desse caminho, uma etapa fundamental; de certa forma, ele nos atribui uma responsabilidade iniludível, coloca em nossas mãos o dom da vocação como uma tarefa que não pode ser delegada. Francisco nos havia dito na admoestação 6, que se encaixa perfeitamente no contexto destas celebrações, o seguinte: “Por isso é motivo de grande vergonha para nós, servos de Deus, que os santos tenham realizado as obras e nós, ao referi-las e pregá-las, queiramos receber glória e honra”.

Chegar à expressão: “Concluí a minha tarefa; que Cristo vos ensine a vossa”, teve em Francisco um início em momentos de meditação sobre a situação de seu contexto urbano em Assis, de suas buscas existenciais, de seus silêncios nas cavernas das montanhas, e olhando fixamente nos olhos do crucificado de São Damião para perguntar-lhe: “Senhor, o que queres que eu faça?”, e o Senhor lhe responde: “Repara a minha casa...”, por isso, no fim de seus dias, Francisco nos diz que, assim como a ele, Cristo nos ensine a tarefa; além disso, ele diz em seu testamento: “E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrava o que eu devia fazer, mas o próprio Altíssimo me revelou que eu devia viver segundo a forma de vida do Santo Evangelho, e eu o fiz escrever em poucas palavras e com simplicidade, e o Senhor Papa me confirmou”.

Aí reside, portanto, a importância da pergunta que Francisco dirigiu a Cristo em São Damião, num contexto de marginalidade e precariedade. A propósito da importância da pergunta, a filósofa espanhola María Zambrano escreve algo que pode ser muito esclarecedor para nós; ela diz:

“Pensar não é ter respostas: é manter a pergunta sem saída, acompanhar a ferida sem disfarçá-la. Ouvir o tremor que abre a incerteza. Há inquietudes que tentamos silenciar: o que dói, o que perturba, o que não se encaixa. A filosofia e a espiritualidade nascem justamente ali, quando deixamos de fugir e nos atrevemos a encarar de frente aquilo que nos incomoda.”

Sem a pergunta mencionada: “Senhor, o que queres que eu faça?”, não é possível o “Eu já fiz a minha parte”. E sem a resposta de Jesus: “Repara a minha casa, que, como vês, está em ruínas”, não é possível assumir o dom da vocação como uma tarefa a ser realizada a partir do “Cristo vos ensine a sua”.

Quero enfatizar que o lugar onde se faz a pergunta, se recebe a resposta e se constrói o projeto de vida franciscano é muito importante; esse lugar é um contexto de marginalidade e precariedade onde justamente Cristo armou sua tenda, como diz belamente o cântico de Filipenses; a Regra de Francisco o descreve como uma espécie de cartografia social do carisma no Capítulo IX, número 2: “E devem alegrar-se quando convivem com pessoas de baixa condição e desprezadas, com os pobres e fracos, com os doentes e leprosos, e com os mendigos que estão à beira do caminho”.

Nesta altura da reflexão, podemos dizer que tudo nasceu a partir de uma pergunta sem saída, que acompanha a ferida, que parte do que dói e perturba. Uma pergunta que coloca em nossas mãos a tarefa do carisma, cujos alicerces se fundam nos valores tradicionais do próprio carisma: fraternidade, minoridade, serviço, paz, solidariedade com os habitantes das periferias, etc. — carisma que hoje pode assumir novas expressões a partir da cultura do encontro que nos inspira o encontro de Francisco de Assis com o sultão do Egito, Al-Malik al-Kamil, e de Francisco, o Papa, em Abu Dhabi, com o Grande Imã Ahmed el-Tayeb, líder da principal instituição do islamismo sunita.

A RFM, que caminha e acompanha os migrantes, pertence a esse âmbito do carisma, a essa geografia, a esse espírito; é uma iniciativa impulsionada pelo JPIC como resposta franciscana ao fenômeno migratório na América.

A RFM abrange os três eixos, embora seu ponto de partida seja:

1. A Justiça. Defesa e promoção dos direitos humanos, luta contra a pobreza, trabalho digno e acompanhamento de comunidades vulneráveis, tráfico de pessoas e exclusão social
2. A Paz. Promoção da não-violência, diálogo inter-religioso, reconciliação em zonas de conflito e construção de uma cultura de paz. Ativos em processos de mediação.
3. A Integridade da Criação. Eixo ecológico. Impulsionando a “ecologia integral” proposta pelo Papa Francisco na *Laudato Si'*. Cuidado com o meio ambiente, mudanças climáticas, água, mineração responsável e a ligação entre crise ambiental e social. Também acompanhando migrantes e refugiados climáticos.

A visão franciscana de JPIC é “integral”. O próprio Francisco de Assis abraçava o leproso: justiça; chamava-o de irmão: paz; e via toda a criação como irmã: ecologia. No caso da migração atual, uma pessoa que atravessa o Darién está vivendo uma injustiça estrutural, precisa de paz e reconciliação no país de acolhimento e, muitas vezes, foge devido ao colapso ambiental em seu local de origem.

A RFM é um projeto JPIC que incorpora os três eixos, com foco nas pessoas em situação de mobilidade. A migração nunca ocorre isoladamente. Por isso, a RFM, seguindo o JPIC, tem o dever de analisar as causas:

1. Violações dos direitos ambientais: muitos migrantes são deslocados climáticos. Exemplo: camponeses do corredor seco da América Central que perderam colheitas devido à seca, ou comunidades do Chocó deslocadas por inundações e mineração ilegal. A RFM os acompanha como migrantes, mas o JPIC denuncia a causa: extrativismo descontrolado.
2. Direitos trabalhistas: migrantes em trabalhos informais na mineração, agroindústria, construção civil ou cuidados domésticos sem contrato, sem previdência social, expostos a acidentes. O JPIC fala de “escravidão moderna”. A RFM documenta casos durante a viagem e no destino.

3. Direitos étnicos: indígenas cruzando fronteiras. Eles sofrem dupla discriminação: por serem migrantes e por serem indígenas. Perdem território, língua, medicina ancestral. O JPIC defende o direito de viver com dignidade em sua terra.
4. Diversidades de todos os tipos: mulheres migrantes vítimas de tráfico, população LGBTQIAPN+ que foge da perseguição, pessoas com deficiência sem rotas acessíveis. A RFM possui um protocolo de atendimento diferenciado. O JPIC chama isso de “opção preferencial pelos mais vulneráveis entre os vulneráveis”.
5. Questão da mineração: Esse é o elo que une tudo: megaprojetos de mineração poluem rios, acabam com a pesca e a água; comunidades camponesas e indígenas são deslocadas ao longo do trajeto e exploradas em outras minas informais. A RFM atende ao migrante. O JPIC denuncia toda a cadeia.

Se a RFM se limitar apenas a dar comida e abrigo, ela trai o JPIC. Se o JPIC se limitar a documentos sem colocar a mão na massa, ele trai Francisco. É preciso viver em tensão constante entre a caminhada e a teologia que está por trás dela; não se trata apenas de “ir aos pobres”. É “fazer caminho junto a eles, rumo a condições de vida mais dignas, mais humanas, mais livres”. Isso implica também de maneira política, entendendo-a como a forma mais elevada do amor, caminhando em direção a:

1. A cidadania global é a ideia de que as pessoas não pertencem apenas ao seu país, mas também a uma comunidade mundial interconectada, com direitos e responsabilidades que vão além das fronteiras nacionais.

Não é um passaporte nem um status legal formal. É, antes, uma forma de ver o mundo e de agir nele:

- **Consciência e interdependência:** reconhece que problemas como as mudanças climáticas, a pobreza, as pandemias ou os conflitos armados afetam a todos e estão interligados.
 - **Valores compartilhados:** Baseia-se em princípios como direitos humanos, justiça, equidade, diversidade e sustentabilidade. Não se trata de apagar as identidades locais, mas de acrescentar uma camada de identidade compartilhada como seres humanos.
 - **Responsabilidade e ação:** Implica participar ativamente para contribuir para o bem comum global.
 - **Diálogo intercultural:** Valoriza a compreensão e o respeito por diferentes perspectivas culturais, religiosas e sociais, e busca pontos em comum em vez de divisão.
1. **A Pátria Grande** foi a visão de Simón Bolívar de uma América unida. Após as guerras de independência, Bolívar queria que as novas repúblicas não ficassem isoladas, em conflito entre si, mas que formassem uma confederação continental. Ele expôs isso com veemência na Carta da

Jamaica de 1815 e tentou concretizá-lo no Congresso do Panamá de 1826. A cidadania global adota essa mesma lógica, mas a amplia. Não se trata mais apenas de “somos latino-americanos”, mas de “somos parte da humanidade”. Isso se concretiza em:

- **Ampliação dos círculos de lealdade:** Bolívar dizia “não pense apenas em Caracas, pense na América”. A cidadania global diz: “não pense apenas na América, pense no planeta”.
- **Solidariedade além do local:** a “Pátria Grande” pedia para defender um peruano como se fosse seu irmão, porque compartilhavam uma causa. A cidadania global pede para defender alguém na Síria ou em Bangladesh pela mesma razão: dignidade humana compartilhada.
- **Crítica à fragmentação:** Bolívar percebia que, se nos dividíssemos em 20 repúblicas fracas, seríamos dominados. A cidadania global percebe que, se cada país agir sozinho diante das mudanças climáticas ou das pandemias, todos sairemos perdendo.
- **Identidades múltiplas:** Bolívar não pedia que você deixasse de ser “caraqueño” para se tornar hispano-americano. A cidadania global também não pede que você deixe de ser colombiano, de qualquer outro país ou latino. Você soma camadas: local → nacional → regional → global.

“minha comunidade não termina na porta da minha casa nem na fronteira do meu país”

A Casa Comum Este termo foi popularizado pelo Papa Francisco em Laudato Si' em 2015, mas a ideia vem da ecologia e da filosofia. Refere-se ao planeta Terra como o lar que todos habitamos. Sem fronteiras.

1. **Sonho de Deus** Dá nome ao anseio profundo que move essas redes: que todos tenham uma vida digna, sem excluídos.
- **Pastoral da Mobilidade Humana:** Paróquias e organizações que conectam migrantes a emprego, moradia e formação. Não é assistencialismo: é acreditar que o migrante é um sujeito, não um problema.
 - **Economia de comunhão:** Redes de migrantes que não buscam apenas o “cada um por si”, mas fundos rotativos, cooperativas e apoio aos recém-chegados.
 - **Denúncia profética:** Quando as redes de migrantes se organizam para exigir tratamento justo, combater a xenofobia ou defender mulheres vítimas de tráfico. É aí que a rede se torna a voz daquilo que o Sonho de Deus não negocia: a dignidade.

Concluindo a reflexão:

1. Cidadania comum. A estrutura
O concreto. Leis, passaportes, direitos compartilhados.
2. Pátria Grande. O coração

O cultural e histórico. Bolívar dizia: “somos irmãos, não vizinhos”. Sem coração, a cidadania comum é apenas um trâmite.

3. Casa Comum. A urgência

O ecológico e planetário. Conceito da Laudato Si'. O planeta é uma única casa e está pegando fogo. Ele nos diz que ou cuidamos da casa juntos, ou ficaremos todos sem casa.

4. Sonho de Deus. O horizonte

O teológico e o sentido último. Na tradição cristã, especialmente católica e latino-americana, o “Sonho de Deus” é a visão bíblica de um mundo reconciliado: justiça, paz e fraternidade universal. Não há “estrangeiros” nem “descartados”. É o que Jesus chamou de Reino de Deus e que os profetas sonhavam como “o lobo e o cordeiro juntos” Isaías 11:6.

Poema

Não tenho documentos,
mas tenho irmãos.

Não tenho casa,
mas a Casa é Comum.

Na rede, não pergunto “de onde você vem?”
Pergunto “o que você sabe fazer?”
Você sabe costurar, eu sei fazer arepas, tortillas, pupusas,
ela sabe cuidar, ele sabe cantar.

Somos a Grande Pátria em um quarto apertado.
Somos Cidadania Comum com um PPT em andamento.
Somos o Sonho de Deus quando dividimos o ganho.
Somos Francisco quando rimos sem motivo.
A fronteira cruzamos com os pés,
o muro derrubamos com o coração.
Se o sinal cair, mesmo assim nos encontramos:
na praça, na minga, na oração.